



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## LITURGIA E PERFORMANCE - ENTRE REPRESENTAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UM BREVE RELATÓRIO

---

Liturgy and Performance - between representation and communication: a brief report

Júlio César Adam <sup>1</sup>

### Resumo:

Trata-se de um breve relatório sobre o seminário Liturgia e performance, com o professor Dr. David Plüss, na Faculdades EST, em maio de 2013. O texto apresenta a compreensão de Plüss sobre liturgia e performance e, a partir desta compreensão, analisa o culto protestante como uma inter-relação entre representação e comunicação. Aspectos da liturgia como o texto bíblico, a oração, o ritual e a bênção e papel do/a liturgo/a são brevemente abordados.

### Palavras-chave:

Culto protestante. Liturgia. Performance.

### Abstract:

This is a brief report on the seminar Liturgy and Performance with Professor Dr. David Plüss, in Faculdades EST, in May 2013. The paper presents the understanding of Plüss about liturgy and performance, and from this understanding, analyzes the Protestant worship as an inter-relationship between representation and communication. Aspects of the liturgy as the biblical text, prayer, ritual and blessing and the role of the liturgist are briefly discussed.

### Keywords:

Protestant worship. Liturgy. Performance.

\*\*\*

### Introdução

Entre os dias 06 a 10 de maio de 2013, aconteceu na Faculdades EST, promovido pelo Programa de Pós-Graduação, o Seminário intensivo, *Liturgia e performance* – entre representação e comunicação, com o Prof. Dr. David Plüss, da Universidade de Berna, Suíça. Em torno de 20 pessoas participaram do seminário.

---

<sup>1</sup> Júlio César Adam, doutor em teologia, professor na Faculdades EST, São Leopoldo/RS. [julioadam@est.edu.br](mailto:julioadam@est.edu.br) Área de concentração é teologia prática, liturgia e homilética, especificamente. Pesquisa sobre o culto cristão, “religião vivida” na mídia, e juventudes.

Olhar a liturgia em relação à performance significa principalmente observar o culto a partir da sua dimensão representativa (*darstellendes Handeln*, F. Schleiermacher) e não apenas comunicativa. O culto não é apenas um momento de ouvir e receber um recado, uma informação. No culto, vivenciamos algo que nos envolve por inteiro. O culto é algo tão envolvente que, segundo o Prof. Plüss, liturgia é artesanato. “A liturgia é o artesanato de uma encenação cúlrica. Ao mesmo tempo, a liturgia é mais que isso. No culto, juntam-se pessoas a fim de se encontrarem com Deus e serem tocadas e transformadas por Cristo. Este encontro com Deus, porém, não se dá de forma visível. Ele não é viável homileticamente nem liturgicamente. O encontro acontece muito mais por meio da dimensão sacramental: em, com, sob a oração, a prédica e os cantos. O encontro com Deus é intermediado, litúrgica e homileticamente, através de atos retóricos e performativos, rituais e símbolos, gestos, música e o espaço.” (Plüss)

Segundo o prof. Plüss, o culto tem a ver com a biografia, com a vida da pessoa. O culto tem a ver com o coração e os sentimentos, mais do que com a cabeça e a razão. Tem a ver mais com as entranhas do que com o saber racional. Neste sentido, não há como falar do culto e da liturgia sem ao mesmo tempo falar de si. Pensar racionalmente o culto é, portanto, dar um passo para trás. Somente podemos pensar o culto e ser especialistas em liturgia porque vivenciamos o culto com o coração e as entranhas. Uma forma de observar isto tem a ver com as memórias que temos dos cultos de que participamos. Geralmente lembramos de ritos, espaços, pessoas, momentos que nos marcaram no culto, positiva ou negativamente. Temos dificuldade de lembrar o que foi dito nestas situações.

“Podemos, pois, dizer que o Evangelho não é apenas comunicado no culto, mas ele é também representado. Isto se dá através de uma configuração discursiva e performativa. O protestantismo desenvolveu poucos modelos para entender e aperfeiçoar a dimensão performativa da liturgia. A comunicação do Evangelho, através da transmissão de determinado conteúdo teológico, é que tem papel preponderante para o protestantismo. Através deste meio, os cultos protestantes assumem o caráter homilético e catequético. Os cultos são preparados segundo modelos pedagógicos e psicológicos e devem deixar transparecer um fio vermelho, um conteúdo comunicado.” (Plüss) No seminário, pretendia-se descobrir a outra dimensão, a dimensão performativa da liturgia, analisando-a através das ciências sociais e refletindo-a teologicamente.

Os objetivos do seminário eram: 1) Entender o culto como evento simultaneamente discursivo e ritualístico; 2) Observar, analisar e avaliar os elementos ritualísticos e performativos da liturgia; 3) Conhecer modelos performativos e baseados nas teorias do ritual e que podem ser utilizados no culto; 4) Conhecer a teologia de Martim Lutero em relação ao culto e as consequências para a prática litúrgica; 5) Ocupar-se com a oração e a bênção como gestos básicos da liturgia.

Apresentaremos, a seguir, alguns aspectos desenvolvidos no seminário.

## **12 teses sobre o culto cristão protestante**

Antes de entrar no estudo da liturgia e performance, cabe observar a compreensão do Prof. Plüss a respeito do culto protestante. Ele apresentou sua compreensão em 12 teses, inter-relacionadas.

**a)** No culto protestante, o Evangelho é comunicado e representado na tensão entre comunicabilidade e ritualidade. O Evangelho é livre, de modo que nesta tensão acontece algo, fazendo do culto um lugar de transformação e conversão.

**b)** A representação do Evangelho no culto não acontece apenas por meio da voz, mas por meio de gestos, símbolos, espaços. Culto cristão é uma forma de arte performática.

**c)** Deus está no centro. Lá, seu nome é proclamado. Sua presença é real. Por meio da Palavra, algo é anunciado e prometido. Cristo convida para a Ceia. Algo acontece em, sob e com a liturgia, sem que possamos ter controle. A presença de Deus encontra ressonância no palco interior, no coração da pessoa, no espaço sacramental do culto.

**d)** O culto é oração. O local e a cena original do culto é a oração. Por isso, a oração determina todo o comportamento no culto.

**e)** O culto evangélico é um diálogo entre Deus e a comunidade – Palavra, oração e louvor. O/a liturgo/a assopra discretamente este diálogo no ouvido da comunidade.

**f)** A comunidade não é espectadora. Ela é sujeito cantante e orante do culto. Ela é quem está no palco. O/a liturgo/a ajuda a comunidade a ser sujeito, por meio da *koinonia* e da liturgia.

**g)** O culto protestante é um culto de pregação. Este é o ponto alto do culto. O culto protestante é concebido e preparado a partir da pregação.

**h)** A Santa Ceia constitui o segundo ponto alto do culto. Prédica e Santa Ceia são os dois cumes do culto.

**i)** O culto reformatório é bíblico. O texto bíblico permeia o todo do culto, orações, cantos, etc.

**j)** O culto é contemporâneo. Ele está voltado para o cotidiano do mundo. Culto é político, sem se imiscuir nos jogos políticos de poder.

**k)** O culto é conservador, católico. Ele cultiva formas e textos tradicionais e, ao mesmo tempo, provocantes e atuais. Não aceita separatismo, mas se integra na Igreja Única.

## **A teologia da performance**

Do exposto na introdução, podemos dizer que o culto é encontro com Deus, simplesmente. Culto é teologia viva. A relação entre teologia e liturgia é sempre muito estreita. De modo que podemos dizer: Diz-me em que crês e direi como celebras.

Na teologia e mesmo na teologia prática, no âmbito protestante, deu-se mais ênfase ao estudo da prédica do que da liturgia, justamente porque se deu mais importância ao saber racional do que à vivência da fé, como se a liturgia não fosse teologia.

Pelo princípio da *lex orandi e lex credendi*, de Próspero de Aquitânia, a regra da oração é a regra da fé. Segundo este princípio, a teologia nasce da liturgia. Isto foi recuperado no âmbito católico, a partir do Concílio Vaticano II. Para o mundo protestante, no entanto, o princípio da *lex orandi e lex credendi* ainda tem pouca importância. Os estudos sobre performance e liturgia buscam, justamente, recuperar esta relação: primeiro a oração, depois a teologia. Podemos, portanto, dizer que o culto já existe antes da reflexão sobre o culto.

O culto cristão nasce da experiência celebrativa da comunidade. Não há uma regra ou uma forma original de culto, mas sim uma variedade de formas e modelos. Existem pré-formas,

como os sacrifícios no Primeiro Testamento, o culto da sinagoga, formas variadas de se encontrar com Deus na Igreja Antiga, os cultos familiares. Todas estas formas originárias vão servir de base para as diferentes formas de liturgia e de culto da Igreja, ao longo da história. Existem também formas litúrgicas decorrentes do âmbito da cultura. James Smith, por exemplo, diz que a cultura, de modo geral, é uma forma de liturgia. O mesmo se aplica às artes, às ciências, ao cotidiano. Por trás destas práticas há uma busca humana, um anseio, um compromisso, algo que liga as pessoas.

No protestantismo há várias formas de culto, assim como há várias formas de confessionalidade. O que se observa em todas as formas litúrgicas protestantes é uma tensão entre discursividade e ritualidade. O ritual é fragmentado, e a Palavra está no centro do evento litúrgico. O rito protestante precisa ser entendido. Mesmo assim, há mais do que apenas discurso e lições racionais no culto protestante. Há ritos, gestos, orações, hinos, músicas, que são vivenciados. Até mesmo a prédica é mais que apenas um discurso. Prédica tem a ver com confissão e testemunho. Ela também é um rito. Assim, podemos dizer que os cultos protestantes são reflexivos, discursivos e rituais ao mesmo tempo. O culto é uma *ação representativa* do Evangelho, como irá dizer Schleiermacher.

### **A liturgia e a Bíblia**

A partir deste ponto, analisaremos alguns elementos do culto, considerando a performance litúrgica. Começamos analisando o uso da Bíblia. No culto protestante, a Bíblia é mais que apenas um meio para comunicação. Várias partes da liturgia, senão todo o culto, têm base bíblica: as próprias leituras bíblicas e a pregação, a saudação trinitária, o anúncio da graça, os hinos, os cantos litúrgicos como *Gloria in excelsis*, *Kyrie eleison*, *Sanctus*, *Agnus Dei*, Aleluia, os Salmos, a Narrativa da instituição, a Fração, o Pai-Nosso, a bênção e o envio.

Se nos concentramos apenas na leitura da Bíblia, esta leitura já tem algo de performático. Segundo o professor Plüss, é muito importante zelar pela boa leitura dos textos bíblicos, no culto. Pois os textos bíblicos são textos litúrgicos, e a densidade narrativa dos textos aparece explícita e implicitamente no ato da leitura. Deve-se, portanto, ler bem. Ler de tal maneira que apareça a densidade narrativa dos textos.

Ler é interpretar. Interpretar através da leitura do texto bíblico significa representar a vida de fé das pessoas do texto para dentro da vida das pessoas que ouvem o texto, no culto. Dessa forma, podemos dizer que ler o texto bíblico no culto é como devolver o texto para o seu contexto. As imagens e as metáforas do texto se tornam, assim, novamente audíveis. O texto encarna-se na vida das pessoas, na vida da comunidade.

Por isso, é muito importante ler bem o texto bíblico, pois a leitura já é uma interpretação. Quem lê bem o texto bíblico já faz uma prédica. Importante neste sentido é o tom da voz e os gestos usados. O/a leitor/a dá ao texto uma voz. Ele/a, através da leitura do texto, dá e revela algo de si mesmo. Do tom da voz se depreende a relação do/a leitor/a com o texto. E mais: a leitura não é apenas uma voz, ela é também um gesto. Quando lemos, somos um corpo e não apenas uma voz. Por isso, deve-se treinar a leitura de textos bíblicos e formar leitores nas comunidades. Plüss sugere que comecemos o exercício da leitura bíblica pela leitura dos Salmos, que, segundo ele, são uma anatomia da alma humana.

## A oração

Outro elemento importante a considerar, quando olhamos o culto pela via da performance, é a oração. Na oração litúrgica, juntam-se intenção, sentimento e gesto. A oração é uma forma de fazer contato com Deus, na forma de vocativo, como uma criança pequena que busca contato com os pais. A pessoa que faz a oração só a pode fazer porque já foi interpelada. A oração é uma resposta à Palavra de Deus. Por isso, através da oração a fé ganha identidade.

Existem diferentes sentidos para a oração no culto: clamor, confissão, agradecimento, intercessão, ação de graças. Quase podemos dizer que toda a liturgia é uma oração, ou um conjunto de orações. A oração litúrgica tem relação com a pregação, como resposta. Os cantos e hinos não deixam de ser formas de oração. Na liturgia, assim como na Bíblia, há pouco espaço para a oração individual. Prevalece a oração comunitária, coletiva. A oração individual está, no entanto, vinculada à oração coletiva, e a oração coletiva deve achar ressonância na individual.

Quanto à linguagem da oração, esta deve ser simples, evocar imagens, metáforas, relacionadas a experiências. As orações devem ser livres e abertas – não privadas – devem fazer uso de pausas, silêncios e ser moldadas com o todo o ser do/a liturgo/a. O oração é, pois, uma das principais tarefas do/a ministro/a.

## A bênção

Antropologicamente, as pessoas necessitam de bênção. Muito cedo, o ser humano percebe que não pode dispor da vida a seu bel prazer. A vida é sempre ameaçada e fragmentada. Vivemos como se estivéssemos pisando uma fina camada de gelo sobre um lago. Nosso sucesso e nossas relações não podem simplesmente ser garantidos, nem mesmo produzidos por nós, apenas. Diante desta percepção, a bênção ajuda a expressar essa percepção da ameaça, bem como a dependência. Ao mesmo tempo, como contraponto, a bênção expressa o anseio pelo todo, pela vida em plenitude.

O fundamento teológico da bênção não é carência, mas a vida em plenitude por parte de Deus. A bênção não age de acordo com as nossas necessidades, mas por causa da oferta de Deus. Através da bênção, esta oferta de plenitude não só é prometida, mas ela é concedida. Pela bênção, nós podemos nos apossar dessa promessa. O sujeito da bênção é sempre Deus. O/a liturgo/a é um sujeito secundário. É sempre uma ação recíproca: Deus abençoa a criação e a pessoa, e nós bendizemos a Deus. De modo que, sempre que bendizemos, reconhecemos Deus como o doador das dádivas. Abençoar não é, portanto, sancionar, mas sim reconhecer o verdadeiro doador de todas as dádivas. Dessa forma, a bênção expressa crítica e resistência: aquilo que existe ainda não é tudo.

A bênção é também um ato integral. Cabeça, coração e mãos, junto com uma disposição mental e o reconhecimento do outro, a compõem. Ela é algo que se faz. Plüss diz que a bênção é uma oficina de espiritualidade.

## O ritual

O gesto é constitutivo do ritual. Antes de falar, usamos gestos. As crianças falam através de gestos, e elas aprendem estes gestos através da imitação, da *mimesis*. Depois elas se apropriam dos gestos. Assim, vamos aprendendo a falar, de modo que todo o nosso falar é sempre acompanhado por gestos. Cada um de nós tem um repertório de gestos, seja o jeito de andar, a

postura do corpo, as mímicas e movimentos corporais. Os gestos expressam carinho, irritação, raiva, medo... Ou seja, o gesto carrega nele um sentimento e um conteúdo.

O gesto sempre produz um espaço de ressonância. Se sorrimos, provavelmente a outra pessoa reagirá também sorrindo. Deve-se considerar que 70% a 80% da nossa comunicação é feita através do corpo, ou seja, através de recursos não verbais e para verbais. Isto mostra que somos de fato seres corpóreos. Não somos “só cabeças”. Estas informações devem ser seriamente levadas em conta pelos protestantes, pois, para estes, a fé foi reduzida a expressões de ensino e o ser humano foi reduzido a um ser mental. No culto, no entanto, a Palavra se torna carne, se torna viva. É como o que acontece no caminho de Emaús: o coração ardia.

A partir do exposto, o culto deve mais e mais explorar e utilizar gestos na liturgia. Incluir gestos no culto é um exercício. É algo que precisa ser experimentado e ensaiado, de forma que o gesto ajude a expressar o que as palavras dizem. Peter Brook, no livro *O espaço vazio*, relatando sobre os ensinamentos de um professor japonês ao seu aluno de teatro, diz: “Eu posso ensinar a um jovem como apontar para a lua. Mas, da ponta do dedo até a lua, isto é com o aluno. Não interessa se os espectadores lembram o gesto. O que importa é que eles vejam a lua”.

Toda a liturgia está orientada para que a comunidade veja a Deus. O resto é mídia, meio. Os gestos, portanto, precisam se exercitados, de modo que eles sejam transparentes e possibilitem o encontro com Deus, no culto.

### **O papel do/a liturgo/a**

Qual a semelhança entre liturgia, rito e teatro? Há muitas diferenças. Segundo o teatrólogo Peter Brook, precisa-se meses para ensaiar uma peça e o resultado final surge durante o próprio ensaio. Já no culto comunitário, é algo que acontece todos os domingos, e para sua realização há pouco ou nenhum ensaio. Enquanto o teatro é feito por um grupo de atores, o culto é feito, geralmente, pelo liturgo/a, apenas. Diferentemente do teatro, no culto não há espectadores. O culto é de responsabilidade de toda a comunidade. Todos/as são, por meio do batismo, dedicados ao sacerdócio. Uma última diferença é o fato do/a ministro/a dos membros da comunidade ser vocacionado/a. Mesmo com todas estas diferenças, existem também semelhanças entre o culto e o teatro. Também o ministro/a desempenha determinados papéis: como ministro/a, pai, mãe, cidadão, amigo, etc.

É importante observar que o/a ministro/a é definido pelo ministério e não pela sua personalidade. Não é o/a ministro/a que sustenta o ministério, mas sim o ministério que o/a sustenta. Este é um aspecto importante a ser considerado quando falamos do papel do/a liturgo/a. Mesmo assim, no ministério, muitos papéis são desempenhados pelo/a ministro/a: sacerdotal, profético, poimênico, catequético, mistagógico, o de mestre de cerimônia, de animador e de líder.

Assim como acontece com o ator, também o/a ministro/a aponta para algo que está além de si. O/a ministro/a aponta para Cristo e não para si mesmo. Ele/a testemunha, através do ministério, como a mensagem o atingiu. A ação litúrgica, porém, não é um faz de conta. Ela é um desempenho autêntico de um papel.

Por isso, ministros/as precisam ser autênticos no que fazem. A liberdade cristã deve mostrar-se na pessoa do/a ministro/a. Esta autenticidade, porém, existe apenas na fragmentariedade. Vemos como que em espelhos quebrados. A autenticidade se sustenta na fé, mais do que na comprovação, mais no fracasso do que no êxito. Ministros/as não podem garantir

nada. São apenas meio. Ministros/as emprestam seus corpos ao ministério. O corpo fala da autenticidade. Por isso, o corpo irá influenciar a liturgia. Diferentemente do ator/atriz, o/a liturgo/a não tem como controlar a comunicação através do corpo.

A corporeidade na liturgia dá-se por meio de corpos marcados, fragmentados e feridos, mas que, mesmo assim, apontam para a esperança cristã, esperança que não nega esta vulnerabilidade dos corpos. Segundo Plüss, uma boa maneira de observar-se e tornar-se mais consciente do seu desempenho litúrgico é convidando colegas ministros/as para observar e, com sensibilidade, dar retorno sobre o desempenho litúrgico.

## **Conclusão**

Liturgia é artesanato. Aprendemos também fazendo. O seminário encerrou com um culto organizado por todos os participantes. Foi uma ótima oportunidade de colocar em prática algumas das ideias discutidas com o Plüss. Mais do que falar sobre performance e liturgia, porém, o seminário foi um grande impulso para observar a prática litúrgica própria e nas comunidades. Pensar a liturgia a partir da performance, não significa, num primeiro momento, realizar cultos diferentes. Significa, isto sim, observar o culto em sua comunicabilidade e na sua ritualidade e, assim, conseguir celebrar de forma mais integral e autêntica.